

SUBTERRÂNEOS DA LIBERDADE E EDUCAÇÃO NO ESTADO NOVO: ENTRE CAOS E UTOPIA

JULIANA GONÇALVES GOBBE¹

LUCIANA CRISTINA SALVATTI COUTINHO²

RESUMO: Este trabalho tem como perspectiva a análise do período denominado Estado Novo, ocorrido no Brasil no século XX, num entrelaçamento literário com viés crítico e social com a trilogia Subterrâneos da Liberdade do escritor Jorge Amado, enfatizando o contexto educacional da época. O objetivo é o de introduzir a arte como alicerce para se pensar dialeticamente a história, já que o romance social se caracteriza como instrumental político para a reflexão dos acontecimentos históricos. O trabalho aqui apresentado se fundamenta na perspectiva do materialismo histórico dialético numa tentativa de reafirmar o correr da luta em épocas assemelhadas pelo caráter despótico da burguesia em relação aos seus explorados.

Palavras-chave: Educação. Estado Novo. Literatura.

UNDERGROUND OF FREEDOM AND EDUCATION IN THE ESTADO NOVO: BETWEEN CHAOS AND UTOPIA

ABSTRACT: This work has as perspective the analysis of the period called Estado Novo occurred in Brazil in the twentieth century in a literary interlacement with critical and social bias with the trilogy "Subterrâneos da Liberdade" of the writer Jorge Amado emphasizing the educational context of the time. The goal is to introduce art as a foundation for dialectically thinking about history, since the social novel is characterized as a political instrument for the reflection of historical events. The work presented here is based on the perspective of dialectical historical materialism in attempt to reaffirm the course of the struggle in times like the despotic character of the bourgeoisie in relation to its exploited.

Keywords: Education. Estado Novo. Literature.

SUBTERRÂNEOS DE LA LIBERTAD Y EDUCACIÓN EN EL ESTADO NOVO: ENTRE CAOS Y UTOPIA

RESUMEN: Este trabajo tiene como perspectiva el análisis del período llamado Estado Novo que se produjo en Brasil en el siglo XX en una interconexión literaria con sesgo crítico y social con la trilogía "Subterrâneos da Liberdade" del escritor Jorge Amado enfatizando

¹ Mestre pela UNICAMP. Docente da Rede Estadual do Estado de São Paulo. E-mail: julianagobbe@gmail.com.

² Doutora em Educação. Docente da UFSCAR.

el contexto educativo de la época. El objetivo es introducir el arte como base para pensar dialécticamente sobre la historia, ya que la novela social se caracteriza como un instrumento político para la reflexión de acontecimientos históricos. El trabajo aquí presentado se basa en la perspectiva del materialismo histórico dialéctico en un intento de reafirmar el curso de la lucha en tiempos similares al carácter despótico de la burguesía en relación con sus explotados.

Palabras clave: Educación. Estado Novo. Literatura.

Introdução

...a face do imperialismo é mesquinha e sangrenta.

Jorge Amado

Neste texto objetivamos estabelecer algumas relações entre literatura e educação no contexto do Estado Novo no Brasil (1937-1945). Para tanto, tomaremos como fontes de reflexão uma trilogia escrita por Jorge Amado, como representante, no Brasil, do romance social, cujo papel político se apresenta como contestação da ordem estabelecida e, como contraponto, evidenciando a ação do Estado por meio do direcionamento da educação para que cumpra um papel de imposição ideológica intentando legitimar o golpe de Estado pelo qual assume o poder Getúlio Vargas.

A perspectiva de reflexão que propomos se fundamenta na concepção de história marxiana, defendida por Marx e Engels, em contraposição às visões idealistas, no sentido de que as ideias produzem a realidade concreta e positivista, de que o movimento da história é evolutivo, representando uma sucessão linear de fatos, tanto de construção da realidade objetiva quanto da consciência que os sujeitos dela elaboram. Ao contrário, como bem sintetiza Paulo Neto (1998), a história, para Marx, é, em primeiro lugar, um

[...] processo objetivo, isso significa que se trata de uma processualidade que porta em si mesma uma especificidade primariamente independente das representações que dela façam os sujeitos; segundo, esse processo é contraditório, já que ele é marcado pela tensão entre os interesses sociais que circunscrevem os diferentes sujeitos em presença; terceiro, é um processo com sujeitos, seus sujeitos reais não se plasmam como personalidades singulares, mas como grupos sociais vinculados por interesses comuns; quarto projetos que são conduzidos por sujeitos determinados, isto é, tais sujeitos não se constituem aleatoriamente, mas segundo imperativos e possibilidades que se colocam concretamente nos espaços e tempos precisos; quinto, são sujeitos conscientes, ou seja, esses sujeitos não atuam cegamente mas direcionados pelo maior ou menor grau de conhecimento que têm dos limites e possibilidades da sua ação. E seis, é um processo que é marcado pela ação dos sujeitos com suas próprias teleologias (p. 55).

A história, portanto, se dá na materialidade das relações sociais no processo mesmo de produção da existência humana, das e nas quais participam sujeitos reais, que se articulam em torno de objetivos comuns e que mobilizam suas ações, buscando atribuir a estas um determinado sentido. Para tanto, faz-se necessário elaborar, no plano do pensamento, as relações histórico-sociais reais a fim de, ao compreendê-las, criar os mecanismos necessários para nelas intervir. Decorre dessa afirmação o entendimento de que o conjunto das ideias produzidas num determinado período histórico, socializadas na forma de linguagem (escrita, pictográfica, gestual etc.) é expressão da realidade, da qual surge e para a qual se estrutura por ação de sujeitos sociais determinados, no bojo da luta de classes e frações de classe. É a partir dessa premissa que entendemos o significado do romance social, de modo geral, e das obras de Jorge Amado, especificamente, bem como o papel da educação no contexto do Estado Novo, considerando as manifestações culturais como instrumentos de luta ou legitimação.

Século XX: Um Sopro na História

Ao longo do século XX o mundo assistiu inúmeras situações que marcariam para sempre a história da humanidade. Cabe lembrarmos aqui as guerras e a ascensão do nazismo e do fascismo numa demonstração da força das elites em detrimento do sofrimento de grande parte da população da terra.

Nas palavras do historiador Hobsbawm, que descreveu este século como breve:

A humanidade sobreviveu. Contudo, o grande edifício da civilização do século XX desmoronou nas chamas da guerra mundial, quando suas colunas ruíram. Não há como compreender o Breve Século XX sem ela. Ele foi marcado pela guerra. Viveu e pensou em termos de guerra mundial, mesmo quando os canhões se calavam e as bombas não explodiam. Sua história e, mais especificamente, a história de sua era inicial de colapso e catástrofe devem começar com a da guerra mundial de 31 anos (HOBSBAWM, 2012, p. 30).

Os efeitos da guerra engendraram uma espécie de tormenta contínua para o povo de diversos continentes. As forças do capital levantaram impérios e estraçalharam a esperança da classe trabalhadora. Na Alemanha, Hitler e seus seguidores perseguiram artistas e exterminaram vidas num compasso despótico poucas vezes visto na história. Se por um lado o século XX deixou más lembranças, por outro, constatamos nele o aparecimento de belas manifestações artísticas, expressão de um movimento de resistência à direção dada à história da humanidade.

A mesma Alemanha de Adolf Hitler deu ao mundo Brecht, Piscator, entre outros. A teoria

teatral desses dois nomes angariou para suas bases o proletariado, projetando um teatro historicizado em que a luta de classes teria vez numa perspectiva artística voltada para a crítica contra o capital.

Na Espanha, em 1937, Pablo Picasso (1891-1973) produziu o histórico painel denominado Guernica. A tela traduzia os horrores do bombardeio sofrido pela cidade de Guernica por aviões alemães sob os olhos complacentes do ditador Francisco Franco (1881-1973).

Em Portugal, um serralheiro mecânico se tornaria prêmio Nobel de literatura em 1998. Falamos aqui de José Saramago (1922-2010). O escritor marxista inaugura uma literatura altamente elaborada, com inovações na forma de exposição e supressão de convenções estabelecidas pela gramática normativa. Seus livros carregam a complexidade de assuntos que os tornaram clássicos no mundo inteiro. Quando escreveu *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*³ foi amplamente perseguido pelas autoridades religiosas do seu país sob a acusação de blasfêmia contra as escrituras sagradas.

Nos Estados Unidos, fazia sucesso o polivalente Charlie Chaplin (1889-1977). Grandioso em tudo que se propôs fazer, o artista transitou pela atuação, dança, humor, além de dirigir filmes memoráveis. Em *O Grande Ditador*, filme de 1940, Chaplin ironizou Adolf Hitler, mostrando ao mundo a crueldade de um déspota. Esse misto de ditadores, de um lado, e resistentes, de outro, nos deu o direcionamento necessário para que pensássemos esse século para além do imediatismo, seja das tragédias, seja das alegrias, mas como um valioso suporte para as lutas vindouras.

Romance Social: A Arte da Contestação

Aqui enfatizaremos os aspectos relevantes, especialmente na literatura, dado o tema deste artigo, enfatizando os tradutores do romance social neste “breve século XX”. Observamos que no que diz respeito à objetividade, o escritor é resultado de relação viva com seu tempo histórico (LUCKÁCS, 2011). O que conhecemos como “engajamento” acontecerá o tempo todo, pois este pode se dar entre artista e obra ou artista e cordão umbilical, mas não deixa de existir em nenhum momento. Embora a arte pela arte seja a grande tônica dos nossos tempos, muito ainda se fará para que esta encerre por

³O livro citado acima traz ao público a história de Jesus Cristo, colocando-o como homem comum e, insinuando que este teria a sua época um relacionamento amoroso com Maria Madalena.

uma transformação que contemple também a formação humana.

O romance social é meio de expressão para que as condições históricas reais sejam dadas aos leitores e para que estes, por sua vez, tenham a chance de apreciar “boas” histórias, não como fonte de escapismo psicológico, mas como uma ampliação de horizonte crítico que os levará a reflexões alicerçadas numa racionalidade maior. Isso não quer dizer que rechaçamos a estética, o afeto ou até mesmo as emoções. Se damos aqui enfoque à racionalidade, o que nos motiva é justamente o caráter puramente “digestivo” que a arte vem angariando nestes tempos pós-modernos.

Segundo Alfredo Bosi,

O romancista “imitaria” a vida, sim, mas qual vida? Aquela cujo sentido dramático escapa a homens e mulheres entorpecidos ou automatizados por seus hábitos cotidianos. A vida como objeto de busca e construção, e não a vida como encadeamento de tempos vazios e inertes. Caso essa pobre vida-morte deva ser tematizada, ela aparecerá como tal, degradada, sem a aura positiva com que as palavras “realismo” e “realidade” são usadas nos discursos que fazem a apologia conformista da “vida como ela é” [...]. A escrita de resistência, a narrativa atravessada pela tensão crítica, mostra, sem retórica nem alarde ideológico, que essa “vida como ela é” é, quase sempre, o ramerrão de um mecanismo alienante, precisamente o contrário da vida plena e digna de ser vivida (BOSI, 2008, p. 130).

Longe de uma literatura propagandística da qual tantas vezes foram acusados os escritores comunistas, estão muitas vezes literatos interessados em mostrar a realidade considerando que esta é passível de transformações. Faremos aqui uma breve consideração, a título de exemplo, sobre um escritor do século XX que produziu um romance social de fôlego. Trata-se do americano John Steinbeck (1902-1968) autor de *As Vinhas da Ira*⁴. O escritor, também prêmio Nobel em 1962, enredou para seu livro um público de milhões de pessoas espalhadas pelo mundo. Marcado por um contexto histórico tenebroso, esse livro fulgura entre os grandes clássicos do universo da literatura com envergadura social. Nos limites de um viés social o romance no século XX ganharia proporções que alcançariam rapidamente o Brasil.

⁴ O romance narra a desventura da família Joads, expulsa de terras arrendatárias devido à grande depressão americana.

A Geração de 1930 nas Terras Brasileiras: O Alento da Utopia

Ao tratarmos da geração de 1930, no Brasil fazemos menção também às difíceis condições econômicas pelas quais passava o país sob a égide do Estado Novo, cuja figura central foi Getúlio Vargas. A censura imperava em relação às manifestações artísticas e políticas. A educação passaria por um período de alinhamento obrigatório ao ideário getulista (SANTOS, 2008).

Ao discorrermos sobre literatura, corremos sérios riscos de não alcançarmos com palavras a grandiosidade dos escritores que encabeçaram a geração de 1930. De acordo com Antonio Candido e Castello,

O decênio de 1930 teve como característica própria um grande surto do romance, tão brilhante quanto o que se verificou entre 1880 e 1910, e que apenas em pequena parte dependeu da estética modernista. Mas sem ela, e sobretudo sem o movimento que lhe correspondeu, os novos romancistas não teriam tido provavelmente a oportunidade de se exprimirem e serem aceitos, desde logo, com o maior entusiasmo (CANDIDO; CASTELLO, 1979, p. 26).

Impossível seria aqui mencionarmos essa lavra de talentos que tanto enriqueceram a literatura nacional. No entanto, alguns nos são imprescindíveis. O regionalismo nordestino nos presenteou com inúmeras obras que até hoje são alvo de críticas positivas e estudos acadêmicos.

A cearense Rachel de Queiroz (1910-2003) escreveu o romance *O Quinze*⁵ com apenas 22 anos. Objeto de leituras pelo Brasil inteiro, o romance logo caiu no gosto popular e se tornou o livro mais conhecido da autora.

Graciliano Ramos (1892-1953), exigente como ninguém na questão formal, o autor de *Vidas Secas*, costumava ler e estudar profundamente os dicionários que encontrava pela frente (MORAES, 2012). Sua atuação política se delineou fortemente junto ao Partido Comunista Brasileiro (PCB). Sobre Graciliano, Jorge Amado escreveria:

Graciliano foi, entre os escritores do “movimento de 30”, o que mais se aproximou da perfeição. Ante a justeza, a correção brasileira da língua portuguesa por êle escrita, nós, os outros ficcionistas do Nordeste, somos uns bárbaros. Esse sertanejo de Palmeira dos Índios nasceu clássico, um clássico brasileiro (RAMOS, 1970, p. 11).

⁵ Romance que traduz as dificuldades causadas pela seca de 1915 vivenciadas por Rachel em sua infância.

A repercussão dessa obra ecoa até hoje por todos os cantos do Brasil. Graciliano é aclamado pela crítica por ser um autor com profundos vínculos com o Nordeste, tendo sempre em vista a preocupação com o povo sobrevivendo em péssimas condições sociais.

Outro nome a ser lembrado aqui é o de José Lins do Rego (1901-1957). Escreveu, entre muitas obras, *Menino de Engenho*⁶. Rego (1986) foi responsável, principalmente, por colocar em seus livros o declínio de um Nordeste acentuadamente canavieiro.

Jorge Amado: O Narrador do Brasil

A frase “O Brasil não conhece o Brasil”, presente na canção *Querelas do Brasil*, interpretada por Elis Regina em *Transversal do Tempo*⁷ pode ser validada somente em relação aos que não conhecem a obra de Jorge Leal Amado de Faria (1912-2001). O menino baiano, que cresceu passeando por Ilhéus e muito jovem fundou a Academia dos Rebeldes (Espaço de renovação da literatura baiana à época), viveu rodeado pelas figuras mais importantes do século XX. Se nunca levou jeito para ser ilustre, a fama não o abandonaria em nenhum momento de sua existência.

Jorge Amado foi lido por todas as partes do mundo em seus mais de 40 livros publicados e traduzidos em diversos idiomas. Em sua militância política foi deputado federal pelo PCB em 1945. Entre outras coisas, defendeu a liberdade religiosa na Bahia. Em seu livro *Memorial do Amor* a escritora Zélia Gattai⁸ assim se expressou:

Na boca de Pedro Archanjo, personagem de *Tenda dos Milagres*, Jorge colocou uma frase sua que repetia sempre ao ser interpelado sobre sua ligação com o candomblé: “sou materialista, mas meu materialismo não me limita”. Da mesma maneira, ao ser criticado por sua amizade com políticos pichados de reacionários, ele respondia: “penso com minha cabeça e não sou cego” (GATTAI, 2004, p. 68).

⁶ O romance narra a trajetória do menino Carlos, que presenciou o assassinato de sua mãe por seu próprio pai.

⁷ Disco gravado ao vivo no Rio de Janeiro em 1978.

⁸ Escritora e companheira de Jorge Amado. Fez muito sucesso no Brasil com o lançamento de seu livro *Anarquistas Graças a Deus*, em 1979. O livro narra suas histórias da infância em São Paulo, que se confundem com a chegada da imigração italiana no Brasil.

Para escrever sobre a Bahia e o Brasil, Amado fez uma espécie de laboratório intencional onde pode verificar a vida dos pequenos “capitães de areia” e criar romances inesquecíveis como Gabriela, Cravo e Canela⁹.

Seu painel de histórias narra um pouco do Brasil atrasado dos coronéis, da sensualidade presente no povo e do colorido da arte nordestina. Sem dúvida, Jorge Amado entrou para o rol dos escritores criativos. Extremamente crítico em relação a sua escrita, o artista sequer se considerava um literato, no entanto, sua literatura conseguiu um feito inédito em sua geração: versou sobre o povo e para o povo. Clareza e simplicidade estariam presentes em cada linha de sua criação artística. Em 1992, quando escreveu *Navegação de Cabotagem*¹⁰, Jorge Amado discorreu sobre as transformações históricas, como

O que parecia definitivo se desintegra, deixa simplesmente de existir. A História acontece diante de nós, nos vídeos de televisão, transformações espantosas, mudanças inimagináveis, num ritmo tão rápido, tão absurdamente rápido que um dia vale anos, a semana tem a medida de um século. Só tenho pena de não me restar o tempo necessário para ver em que tudo isso vai dar. Bem que gostaria (AMADO, 1992, p. III).

O artista baiano, falecido em 2001, praticamente não viu o que nos aguardava na entrada do século XXI. Certamente, os acontecimentos o deixariam estarecido, pois aos humanistas nada passa despercebido.

Os Subterrâneos da Liberdade: Os Horizontes da Luta

Jorge não viveria para presenciar o golpe de 2016¹¹, no entanto, teve tempo de vivenciar tantos outros na República do Brasil. Sobre eles, um chamou sua atenção de maneira muito especial. Trata-se do golpe de Estado de 1937. É importante situar, ainda que em linhas gerais, o advento do Estado Novo, em 1937, no bojo das transformações sócio-políticas e econômicas que se processaram

⁹ Romance lançado no Brasil em 1958. Narra o caso de amor entre Nacib e Gabriela numa rica descrição do universo nordestino.

¹⁰ Livro de memórias de Jorge Amado, publicado em 1992.

¹¹ Impeachment de Dilma Rousseff (Processo tumultuado sem comprovação clara de culpa da presidente, que culminou na destituição dela do cargo).

no início do século XX.

Um fenômeno social internacional, relevante nesse período, foi a Revolução Russa de 1917, que derrubou o regime autocrático russo e buscou instaurar uma sociabilidade sustentada nas ideias socialistas que circulavam em amplos setores, sobretudo entre os operários. A perspectiva de materialização de bases sociais que se apresentavam como alternativa ao modo de produção capitalista se constituiu numa ameaça real à ordem vigente.

No Brasil, concomitantemente à Revolução Russa, instaurou-se o maior movimento grevista em âmbito nacional até então visto, reunindo, segundo Caldeira (1997, p. 251) “70 mil grevistas por todo o país” que lutavam por melhores condições de trabalho e de vida. Segundo Batalha (2000, p. 11),

A maioria dos trabalhadores estava submetida a longas jornadas de trabalho – que nos primeiros anos do século XX atingiam 14 horas no Distrito Federal e 16 horas em São Paulo -, com poucas possibilidades de descanso e de lazer. Esses trabalhadores moravam em habitações precárias, como cortiços, nas periferias dos centros urbanos, padecendo dos problemas de transporte e infra-estrutura; ou ainda, submetidos ao controle patronal, caso das vilas operárias das empresas. No caso de doença, invalidez, ou desemprego, o trabalhador que não contasse com um fundo beneficente da empresa, ou que não contribuísse por sua própria iniciativa para alguma forma de sociedade que lhe fornecesse auxílios, via-se inteiramente desassistido e tinha a sobrevivência ameaçada em virtude da completa ausência de políticas sociais.

Extrapolando os limites desse texto analisar o processo que culminou no Golpe de 1937. Somente os dois fatos mencionados acima são suficientes para compreendermos que o processo de expansão mundial do modo de produção capitalista em curso, levado a cabo por uma minoria beneficiária, por meio da apropriação privada, da riqueza socialmente produzida, em detrimento da exploração de grande massa da população, encontrava resistência ativa.

Uma das estratégias da classe trabalhadora foi sua organização na forma de partido político que lutasse pelos interesses do operariado brasileiro, em consonância com as orientações oriundas da Internacional Comunista. Nasceu, assim, o Partido Comunista Brasileiro (PCB) cujo quadro, em sua maioria, era composto por operários.

A fim de, de um lado, conter os movimentos de resistência e, de outro, criar as condições para expansão do capitalismo monopolista nas diferentes formações sociais, o Estado passou a ter um importante papel histórico nesse período o que justifica o advento do Estado Novo, com características

centralizadoras e reguladoras de várias dimensões da vida social. Em nome da ordem e contra a influência comunista, expressa no PCB, o Estado passou a criar diferentes mecanismos de legitimação do poder instaurado bem como de controle político-ideológico da classe operária.

Para efeitos de nossa reflexão, cabe destacar que, no âmbito do Estado Novo, a Cultura passou a ser considerada uma questão política que deveria ser, portanto, regulada pelo Governo, objetivando frear o desenvolvimento de uma expressão cultural que mostrasse as contradições emergentes do contexto histórico do período e, ao mesmo tempo, difundisse uma ideologia oficial. Um dos instrumentos criados com esse intuito foi o Instituto Nacional do Livro (INL), em dezembro de 1937, por meio do Decreto-lei n. 93, com a finalidade de gestar a política editorial brasileira, dada a importância atribuída às obras literárias na conformação da cultura nacional. Nas palavras de Gustavo Capanema, então Ministro do Governo getulista, em ofício encaminhado em 15 de dezembro de 1937, ao presidente, em que defendia a importância de criação do INL, afirmou que

O livro não é só o companheiro amigo, que instrui, que diverte, que consola. É ainda e, sobretudo o grande semeador que, pelos séculos afora, vem transformando a face da terra. **Encontraremos sempre um livro no fundo de todas as revoluções.**

É, portanto dever do Estado proteger o livro, não só promovendo e facilitando a sua produção e divulgação, mas ainda vigiando no sentido de que ele seja, não o instrumento do mal, mas sempre o inspirador dos grandes sentimentos e das nobres causas humanas.

Para tais objetivos, seria conveniente a criação de um Instituto Nacional do Livro (grifos nossos).

Sendo Jorge Amado membro do PCB e tendo seus romances um papel político na construção da consciência da classe operária, explicitando, por meio de suas narrativas, a realidade social brasileira, este passa a ser objeto de perseguição. Na edição de setembro de 2001 da Revista Cult, com caráter de homenagem ao escritor Jorge Amado, Arrabal e Maretti (2001), em artigo intitulado “A verdade tropical de Jorge Amado”, informam que Amado foi preso em diversas ocasiões “por seus princípios e ideias socialistas” e acrescentam que “seus livros, considerados obras subversivas, são queimados pelo exército. Quase dois mil exemplares viram fogueira medonha da sanha obscurantista do fascismo tropical, numa praça em Salvador”.

Diante desse momento tenebroso em terras brasileiras, coube ao escritor o exílio em 1948.

O autor teve que partir com sua família. Primeiro foi para Paris e depois para Tchecoslováquia¹². No Castelo dos escritores em Dobris, Jorge Amado escreveria a trilogia “Subterrâneos da Liberdade”. Sobre o processo de escrita, a escritora Zélia Gattai discorre que,

No silêncio do castelo imenso e deserto, livre de telefonemas e de visitas, isolado do mundo, Jorge começara a escrever um romance. Ainda em Paris ele me falara nesse projeto: “O livro está maduro em minha cabeça”. Tema palpitante, Os Subterrâneos da Liberdade contaria da luta do povo brasileiro contra a ditadura do Estado Novo, ditadura cujas consequências Jorge sofrera na própria carne, problema que vivera intensamente (GATTAI, 2005, p. 11).

Tendo em vista o trabalho pela frente, o autor produziu uma obra inesquecível para o conjunto da literatura brasileira. O jornal Imprensa Popular, no dia 06 de junho de 1954, trazia ao público brasileiro a seguinte notícia: “Jorge Amado conta ao povo a história do próprio povo”.

O primeiro romance da trilogia Subterrâneos da Liberdade tinha como subtítulo: “Os ásperos tempos”. Nele encontraremos personagens que permanecerão nos três livros e terão suas histórias entrelaçadas no período do Estado Novo no Brasil.

O revolucionário Carlos Marighella seria homenageado com o personagem Carlos, membro atuante no PCB, com liderança em várias cidades brasileiras. O líder anarquista Oreste Ristori seria homenageado com o Velho Oreste, personagem que influenciou os caminhos da jovem Mariana. O editor de “A classe Operária”, Hermínio Sachetta, apareceria no romance como o jornalista Abelardo Saquilla.

Nesses tempos complexos da recente história brasileira, Jorge Amado citava sem nenhum pseudônimo o ditador Getúlio Vargas. Num mosaico constituído pelas diferenças ideológicas vigentes, o autor procurou mostrar ao seu público os pensamentos espúrios da elite brasileira, bem como as ideias de promoção humana e igualdade que nasciam nos subterrâneos do partido comunista.

Assim, personagens como a jovem operária Mariana tendem a crescer na trama por conta do envolvimento solidário às tentativas de transformar o Brasil. Em conversa entre o personagem Lu-

¹² A partir de 1993 a Tchecoslováquia foi dividida em dois países: República Theca e Eslováquia.

cas, empresário emergente e o personagem do professor Alcebíades Moraes, temos a visão reacionária sobre Vargas:

O doutor Getúlio está realizando o que eu sonhava: um regime forte, de combate ao comunismo, de defesa das instituições cristãs. Se ele se chama integralismo, ou não, pouco importa. Desde que ele está de acordo com minhas idéias, eu o sirvo.

Mais adiante:

Quero ter a honra de apertar a mão desse grande patriota e, se possível, falar-lhe dos problemas da universidade. Porque, meu caro amigo, essa Universidade de São Paulo precisa ter à sua frente alguém capaz, de pulso firme e de idéias como as nossas. Os comunistas se infiltraram entre os estudantes, mesmo entre os professores, e existe também muito armandista, inimigo de doutor Getúlio [...] (AMADO, 2011a, p. 200).

Na sanha desarrazoada da caça aos comunistas eram engendradas as ideias mais terríveis possíveis num processo de total entrega aos ditames de Getúlio sem nem mesmo cogitar se tais propostas eram mesmo viáveis ao país, bastando que os bolsos estivessem cheios pelo lucro da exploração, nada mais importava. Reforçamos aqui que o personagem Lucas, oriundo da classe trabalhadora, foi galgando altos postos na trama por meio de negociações feitas na calada da noite e com aval de importantes nomes do empresariado, como Costa Vale. Se Lucas se rendeu às forças do capital, com sua irmã Manoela a história foi diferente. Afeitada à dança, a personagem, após algumas desilusões, aproximou-se do arquiteto comunista Marcos de Sousa e com ele teve suas primeiras lições de comunismo.

O amor libertário dos comunistas Mariana e João também realça características como pureza e desinteresse no romance, pois a relação traz um contraponto das burguesas em que o dinheiro e as aparências ditavam as regras do jogo. Sobre as tentativas de greve, num diálogo entre os militantes do PCB ouvia-se:

Não há condições para uma greve, por ora. A turma do Ministério do Trabalho está prometendo mundos e fundos aos trabalhadores [...]. Dizem que o Getúlio vem para anunciar, nos comícios, novas leis trabalhistas e isso deixa os homens indecisos [...]. Ademais fizeram uma greve em outubro, se ressentem ainda das conseqüências [...]. Nós pensamos que precipitar uma greve agora é comprometer todo o trabalho. As condições não estão ainda maduras. Mais um mês, dois meses talvez e poderemos obter um grande movimento. Talvez agora com as prisões se possa fazer alguma coisa, agitar [...]. Não temos um

motivo concreto para a greve [...]. Muita gente ainda crê no Getúlio (AMADO, 2011a, p. 220).

Amado coloca no romance a exata situação dos comunistas durante o Estado Novo. Estavam trabalhando duramente, mas com extremo cuidado, pois qualquer passo em falso poderia lhes custar a vida. As greves ocorriam somente após muitas reuniões e imensas discussões sobre o que viria depois.

Mariana via nas atividades anônimas entre seus camaradas um mundo de possibilidades que a cada momento iam ganhando força junto aos seus pensamentos. Sobre o partido comunista ela pensa:

Que lhe recorda ele, esse Partido de homens de nomes trocados, de endereços desconhecidos, de noites mal dormidas, de dorsos marcados pelas torturas da polícia? Esse seu partido lhe recorda o mar, aquele infinito mar azul que ela viu em Santos, quando foi embarcar Apolinário. Como o mar-oceano, ele não tem limites nem fronteiras, se estende pela vastidão do mundo, vitorioso na União Soviética, em armas na Espanha, nas montanhas da China, nos subterrâneos da Alemanha, combatendo um duro combate nos demais países, um mar subterrâneo que se levantará um dia em ondas colossais, lavando da superfície do mundo a podridão e a injustiça (AMADO, 2011a, p. 224-225).

Desse modo, com uma inabalável confiança em dias melhores, os comunistas lutavam junto à classe trabalhadora. Cabe aqui reafirmar a participação de muitos intelectuais à época que não eram filiados ao partido, mas militavam principalmente na escrita de artigos para revistas.

O segundo volume da trilogia: “Agonia da noite” encerrará tristes momentos em episódios como a greve no porto de Santos. As ordens apontavam para o transporte de café para a Espanha fascista de Franco. Os trabalhadores se recusaram a fazer a manobra e acabaram por sofrer duras reprimendas por parte do governo de Getúlio.

O personagem Doroteu e sua companheira Inácia viviam dias de alegria com a descoberta da futura chegada de um bebê. Os dois faziam parte dos trabalhadores do cais e Doroteu militava entre seus camaradas. Com as manifestações ocorridas, Inácia foi morta pela truculenta polícia de Vargas.

No Vale do Rio Salgado, local de pessoas humildes e exploradas pelos grandes empresários, o personagem Gonçalves, velho comunista em fuga da polícia política, pôde alicerçar ali as bases de um novo pensamento entre a comunidade. O personagem levou ao povo do norte do país uma perspectiva de luta em relação aos seus exploradores.

É no segundo volume também que a personagem Mariana vai mostrando sua força como líder comunista. Ao tentar salvar a vida do personagem Ruivo, um dos grandes nomes do partido, encantava o médico Sabino com os conhecimentos que angariava a cada dia. Assim,

Ela o assombrava pela firmeza com que dizia as coisas, pela segurança dos conceitos, pela confiança inabalável. Quando ela deixara o emprego para casar, sentira a sua falta, aquelas conversas ao findar o trabalho do dia, onde ele fazia o “advogado do diabo” para obrigá-la a discutir, a argumentar, enchendo-o de admiração. E agora, ali, no automóvel, ela lhe citava trechos de poemas, tão natural e simplesmente como se não fosse espantoso que uma operária soubesse de coisas tais como a literatura [...]. E, ouvindo-a, deu-se conta da sua própria responsabilidade naquela hora: não era um cliente qualquer que ele ia atender e medicar, um daqueles muitos cujos pulmões se gastaram nas orgias, nas noites de bebedeira e farra, na dissipação da vida. Ia tentar ganhar da morte, numa batalha difícil, um daqueles homens-símbolo da classe operária, um daqueles construtores da vida e do futuro, cujos pulmões se haviam rompido num trabalho titânico. Não era um doente qualquer, era uma vida necessária, tinha de salvá-la, custasse o que custasse. (AMADO, 2011b, p. 133).

A firmeza de Mariana é perceptível ao leitor em quase toda a trilogia, pois ao passar por situações adversas, como ter que se esconder o tempo todo, casar com João e ficar longe dele, e, ainda por cima, perder seu primeiro bebê, a moça sempre manteve o bom ânimo dos camaradas e não se rendeu em nenhum momento às tristezas da existência.

O terceiro volume da trilogia: “A luz no túnel” apontava ao leitor os reverses aos quais passaram aqueles bravos lutadores do partido comunista. Muitos foram presos, gráficas foram queimadas. As torturas na prisão eram muitas, mas o que mais admirava os policiais era o fato de que os comunistas eram leais, e jamais denunciavam seus camaradas, mesmo diante das piores dores físicas e morais. Ao longo da narração o personagem João nos dá essa bela explicação sobre o comunismo.

Só com o socialismo o homem pode desenvolver toda a sua personalidade. O senhor desconhece, pelo que vejo, tudo que se refere ao comunismo e à União Soviética. Os senhores se contentam com o desenvolvimento da personalidade daquilo que os senhores chamam de elites: as classes dominantes, os ricos. Nós fazemos política em função dos milhões e milhões de explorados, esses que só terão possibilidades de desenvolver suas qualidades de homem quando a classe operária tomar o poder. Um homem com fome, numa fábrica ou numa fazenda, não é livre (AMADO, 1968, p. 281).

Mais adiante:

Não quero convencê-lo de nada, doutor. Para mim é suficiente que os operários o compreendam. Sim, a ditadura do proletariado liberta o homem da miséria, da ignorância, da exploração, do egoísmo, de todas as cadeias em que o amarra a ditadura da burguesia e dos latifundiários a que os senhores chamam de democracia e que agora se transforma no fascismo. Democracia para um grupo, ditadura para as massas. A ditadura do proletariado quer dizer democracia para as grandes massas (AMADO, 1968, p. 281).

Destarte, o personagem chacoalha o leitor tentando mostrar o quão frágil pode ser uma perspectiva se vista sem a força do pensamento dialético. Em outra situação, cabe aqui lembrar a fala do comunista Vítor ao esclarecer Ramiro:

Um comunista, Ramiro, necessita estar com o coração cheio de amor pelos homens. Eu conheci homens que vieram para o Partido com o coração cheio de ódio pela vida e pelos homens, o ódio era o único sentimento que os conduzia para nós. Conheci vários assim. Nenhum deles ficou no Partido muito tempo. Só o ódio de classe é legítimo. Ódio contra os exploradores. Mas esse mesmo ódio implica o amor pelos explorados, compreendeu? Amar os homens, ter um coração capaz de compreender os demais, de estimá-los, de ajudá-los. A maior qualidade de um comunista? Seu amor pelos homens, Ramiro (AMADO, 1968, p. 339).

Subterrâneos da Liberdade trouxe aos leitores brasileiros o pensamento de um autor envidado por uma práxis que em nenhuma das fases da sua carreira deixou de existir, pois mesmo decepcionado com algumas atitudes de Stálin, Jorge Amado manteve viva em si a força da crítica e a aderência ao sofrimento do povo brasileiro. As divergências partidárias não limitaram sua consciência socialista, ao contrário do que já afirmaram muitos, a obra não perdeu seu humanismo em nenhuma fase, pois tudo que se alicerça na transformação do mundo sobrevive aos “ásperos tempos”. Segundo o próprio autor:

Em meio à demagogia, verdades a granel: o desmascaramento, a denúncia da tentativa de domínio econômico e político, dos golpes militares em nossas pátrias na América Latina, ditaduras e ditadores feitos nas coxas dos embaixadores ianques, os Pinochets, os Videlas, a Redentora de 1964. Não me arrependo da artilharia gasta em artigos e discursos, pronunciamentos para desmascarar a impostura, denunciar a agressão, a face do imperialismo é mesquinha e sangrenta (AMADO, 1992, p. 67).

Mediante a força da literatura social de Jorge Amado tivemos acesso a um dos períodos mais duros da história do país. Um tempo de caça acentuada aos comunistas em que não só a literatura era

alvo de medidas reguladoras e repressivas, mas também a educação escolar que se articulava na materialização de um projeto societário capitaneado pelos interesses do capital, no qual ocupava papel preponderante o Estado.

A Educação no Estado Novo: O Culto à Personalidade

Podemos inferir, pelas reflexões que fizemos acerca da trilogia de Jorge Amado, *Os Subterrâneos da Liberdade*, que as obras literárias, bem como outras manifestações culturais e político-sociais que evidenciavam as contradições vivenciadas pela sociedade no período do Estado Novo, eram objeto de censura e repressão por parte do Estado. Isso porque, tal qual nos ensina Engels em seu livro *“A Origem da Família”*, da *“Propriedade Privada e do Estado”*:

O Estado não é pois, de modo algum, um poder que se impôs à sociedade de fora para dentro; tampouco é a “realidade da ideia moral”, nem “a imagem e a realidade da razão”, como afirma Hegel. É antes um produto da sociedade, quando esta chega a um determinado grau de desenvolvimento; é a confissão de que essa sociedade se enredou numa irremediável contradição com ela própria e está dividida por antagonismos irreconciliáveis que não conseguem conjurar. Mas para que esses antagonismos, essas classes com interesses econômicos colidentes não se devorem e não consumam a sociedade numa luta estéril, faz-se necessário um poder colocado aparentemente por cima da sociedade, chamado a amortecer o choque e mantê-lo dentro dos limites da ordem. Este poder, nascido da sociedade, mas posto acima dela se distanciando cada vez mais, é o Estado (ENGELS, 1964, p. 135-136).

A fim de cumprir com esse papel histórico de lutar pelos interesses da classe dominante, o Estado, como bem esclarece Engels, precisa camuflar a serviço de quem atua e, para isto, necessita veicular uma ideologia na qual se legitime socialmente como ente acima da luta de classes, colocando-se de forma aparente como representante do bem social, coletivo. Assim, como já demonstrado, cria tanto mecanismos de repressão de toda e qualquer manifestação cultural que expresse as contradições das quais se origina e para as quais responde em favor da classe dominante, como também instaura instrumentos de divulgação dessa ideia de Estado-Nação acima da luta de classes. É nesse sentido que é possível compreender o culto à personalidade de Getúlio Vargas como estratégia política para conformação de um consenso, criando as bases ideológicas de um Estado organizado sobre os princípios do autoritarismo, da centralização e do controle. Assim,

A identificação do Estado com a nação estendia-se à figura do governante, e assim Vargas reivindica para si a função de levar o país, por seu próprio esforço, ao cumprimento dos “desígnios universais da Nação”. Era necessário, então, gerar condições para que houvesse uma sólida identificação pessoal da figura de Getúlio com o Brasil. Tal necessidade viria a ser preenchida por práticas autoritárias novas dentro da cultura política brasileira: a propaganda e a educação. O exemplo mais contundente do uso destas práticas – e que merece um olhar demorado – é o órgão criado para controlar e coordenar a comunicação social: o Departamento de Imprensa e Propaganda (MOREIRA, 2002, p. 12-13).

O Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), inspirado em órgão semelhante da Alemanha nazista, constituiu-se num verdadeiro “superministério”, respondendo diretamente à presidência da república, do qual emanavam todas as diretrizes tanto de repressão como de controle ideológico. Segundo Moreira (2002, p. 14), “o DIP era, então, o instrumento oficial de coerção e imposição ideológica, e articulava dois tipos de discurso: um de cunho populista que atingisse as classes trabalhadoras e outro de cunho político e filosófico, destinado às classes dominantes”. O primeiro tipo de discurso buscava suprimir qualquer evidência de conflito entre as classes. Nele, Getúlio Vargas surgiu como o pai da Nação. O segundo intentava neutralizar as manifestações de oposição das oligarquias e das classes médias, afirmando o compromisso com os interesses do capital nas quais as práticas populistas se inseriam.

É necessário ressaltar que, a partir de então, a educação passou a fazer parte da agenda política nacional sobre a qual, portanto, o Estado atuava de forma orgânica e sistemática a fim de construir o consenso. Para isso, sobre a base da estrutura educacional forjada sobre os princípios da Escola Nova, operou-se um processo de centralização e controle por meio, sobretudo, da criação de um Ministério específico para gerir as questões relativas à educação e saúde pública, cujo ministro foi Gustavo Capanema. Foi criado um verdadeiro aparelho estatal com vários órgãos objetivando atuar em várias frentes de ação relativas à educação do povo por meio da escola. Dentre esses mecanismos de gestão estatal, Goulart (1990, p. 31) destacou que

Ao longo dos anos 30 e 40, a vertente cultural do Ministério da Educação incluía diversas instituições, como: o Instituto Nacional do Livro, o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o Serviço Nacional de Teatro, o Serviço da Radiodifusão Educativa, a casa de Rui Barbosa, a Biblioteca Nacional, o Museu Histórico Nacional, o Museu de Belas Artes, o Instituto Nacional de Cinema Educativo, o Instituto Nacional do Livro Didático. Para cuidar especificamente da educação, foram criados o Conselho Nacional de Cultura – base da organização do ensino primário e do plano de combate ao analfabetismo

- o Instituto Nacional de Educação – órgão administrativo do ensino primário, comercial, doméstico, secundário e superior – e o Instituto Nacional de Pedagogia.

Assim, a regulação e controle administrativo e pedagógico começam a ser exercidos por meio de vários mecanismos, dentre eles os livros didáticos, bem como os de literatura que passaram, gradativamente, a ser inseridos como objetos de ensino e aprendizagem. Quanto aos livros didáticos, duas eram suas funções, estabelecidas pelo Instituto Nacional do Livro Didático: expor os conteúdos que seriam objeto do processo educativo e como livros de leitura. Em pesquisa que versou sobre análise de duas cartilhas publicadas e usadas nas escolas brasileiras durante o Estado Novo – Getúlio Vargas para Crianças, de 1942 e Getúlio Vargas, o Amigo das Crianças, de 1940, Patrícia Cristina Fincatti Moreira (2002, p. 17) afirma que “[...] dentro da estrutura criada para garantir a legitimação do Estado Novo através da manipulação da opinião pública e do culto à personalidade de Vargas, as cartilhas eram obras apologéticas dedicadas a formar a opinião das crianças que teriam contato com esses materiais”.

Além dos livros didáticos, utilizados nas escolas brasileiras, também as obras de literatura infanto-juvenil passaram a ser objeto de ensino-aprendizagem e, como tal, dada as características centralizadoras do Estado Novo, reguladas pelo Ministério da Educação por meio, sobretudo, de uma Comissão de Literatura Infantil que caracterizava as obras por idade e assunto, definindo sua pertinência ou inadequação à construção adequada da personalidade da criança e dos jovens, tendo como referência as diretrizes educacionais preconizadas pelo Estado. A literatura destinada às crianças, assim, segundo Costa (2009, p. 1723) “cumpriria um papel complementar na civilização e socialização das crianças. Ensinar por meio de histórias cativantes, repletas de bons exemplos, durante os momentos de recreação infantil”.

Considerações Finais

Ao longo do caminho percorrido no texto buscamos evidenciar que, no contexto do Estado Novo, no Brasil, houve uma intensa luta político-ideológica em curso, em que participaram sujeitos que assumiram um papel social no embate entre as classes e frações de classe. A trilogia de Jorge Amado – Os Subterrâneos da Liberdade – de forma romancada desnudou os meandros das relações sociais forjadas num momento histórico fortemente marcado por práticas repressivas e de controle ideológico por parte dos que tomaram o poder por meio de um golpe de Estado. Ao contrário da paz

e harmonia social que os meios de comunicação de massa tentavam transmitir, havia um processo de resistência cotidiana levado a cabo por organizações sociais que eram postas na clandestinidade, bem como por meio da arte, de modo geral, e da literatura, especificamente, que assumiram um importante papel político nesse contexto.

A educação foi alçada a um dos principais instrumentos de imposição ideológica por parte do Estado que, por meio de uma estrutura jurídico-administrativa e pedagógica buscava direcionar o processo de formação das novas gerações sendo necessário, para isto, regular e controlar todos os elementos constitutivos do trabalho educativo. Como se evidenciou, as normatizações se deram desde a produção de materiais didáticos, passando pelas obras literárias. Importa destacar, também, que, nesse período, reformas foram promovidas pelo Ministério da Educação em todos os níveis e modalidades de ensino, conhecidas na historiografia como Reforma Capanema. Assim como no Estado Novo, também hoje estamos no seio de uma intensa luta político-ideológica da qual participam sujeitos concretos em defesa de projetos societários distintos, nos quais arte e educação são, de um lado, instrumentos de luta política e, de outro, mecanismos de controle ideológico.

Referências

- AMADO, J. **Subterrâneos da Liberdade**: a luz no túnel. 13 ed. São Paulo: Martins, 1968.
- _____. **Navegação de Cabotagem**. São Paulo: Círculo do Livro, 1992.
- _____. **Capitães da areia**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- _____. **Subterrâneos da Liberdade**: os ásperos tempos. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011a.
- _____. **Subterrâneos da Liberdade**: agonia da noite. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011b.
- ARRABAL, J.; MARETTI, E. A verdade tropical de Jorge Amado. **Revista Cult**. São Paulo, edição 50, 2001. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2016/08/a-verdade-tropical-de-jorge-amado/>>. Acesso em: 14 nov. 2016.
- BATALHA, C. H. M. **O movimento operário na Primeira República**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- BOSI, A. **Literatura e Resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BRASIL. Decreto-lei n. 93, 21 de dezembro de 1937. Cria o Instituto do Livro. **Diário Oficial da União** - Seção 1 - 27/12/1937, Página 25586 (Publicação Original). Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-93-21-dezembro-1937-350842-publicacaooriginal-1-pe.html>> Acesso em: 14 mai. 2016.
- BRASIL. Ofício encaminhado por Gustavo Capanema à Getúlio Vargas em 15 de dezembro de 1937.

- CALDEIRA, J. **Viagem pela História do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- CANDIDO, A.; CASTELLO, A. **Presença da Literatura Brasileira: modernismo**. 7 ed. Rio de Janeiro: Difel, 1979.
- COSTA, A. S. A Comissão Nacional de Literatura Infantil e a formação do público leitor infanto-juvenil no Governo Vargas (1936-1939). **ANAIS DO IV CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA**. Maringá-Paraná, 09 a 11 de setembro de 2009.
- ENGELS, F. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. 2 ed. Rio de Janeiro: Vitória, 1964.
- GATTAL, Z. **Memorial do Amor**. São Paulo: Record, 2004.
- _____. **Jardim de Inverno**. 9 ed. São Paulo: Record, 2005.
- GOULART, S. **Sob a Verdade Oficial: Ideologia, Propaganda e Ideologia no Estado Novo**. São Paulo: Marco Zero, 1990.
- HOBBSAWM, E. **Era dos Extremos: o breve século XX 1914-1991**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- LUCKÁCS, G. **O romance histórico**. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MORAES, D. **O Velho Graça: uma biografia de Graciliano Ramos**. São Paulo: Boitempo, 2012.
- MOREIRA, P. C. F. **Getúlio Vargas na escola brasileira: materiais didáticos e culto à personalidade no Estado Novo (1937-1945)**. Campinas: (Sn), 2002.
- PAULO NETO, J. Relendo a Teoria Marxista da História. In: SAVIANI, D.; LOMBARDI, J. C.; SANFELICE, J. L. (Orgs). **História e história da educação: o debate teórico-metodológico atual**. Campinas: Autores Associados: HISTEDBR, 1998.
- PICASSO, P. **Espanha, 1937**. 1 painel: óleo, color: 3,49m x 7,77 m. Museu Nacional Centro de Arte Reina Sofia.
- QUEIROZ, R. **O Quinze**. 77 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.
- RAMOS, Graciliano. **Viagem**. 6 ed. São Paulo: Martins, 1970.
- _____. **Vidas secas**. 48 ed. São Paulo: Record, 1982.
- REGINA, E. **Querelas do Brasil**. Phonogram, 1978. Vinil.
- REGO, J. L. **Menino de engenho**. 37 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- SANTOS, A. O Estado Novo, O Período Pós 1945 e as escolas primárias catarinenses: (Des)nacionalização do ensino estrangeiro? **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.32, p.65-84, 2008. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/32/art05_32.pdf. Acesso em: 17 ago. 2016.
- SARAMAGO, J. **O evangelho segundo Jesus Cristo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- STEINBECK, J. **As Vinhas da Ira**. Rio de Janeiro: Abril, 1972.

Recebido em 19/11/2016.

Aceito em 02/03/2017.